

SINDICATOS DA ESMOLA

OS MENDIGOS COM ORDENADO FIXO, DAS ASSOCIAÇÕES DE CARIDADE, PERDEM O MISTÉRIO DO IMPREVISTO E A SUPERIORIDADE DO ANONIMATO. O MENDIGO QUE SE PREZA NÃO QUER PATRÃO, POIS TEM UMA ALMA FORTE.

QUANDO uma criatura estende a mão e pede uma esmola pelo amor de Deus, e o passante atira-lhe um níquel, na mão das mãos por ter de Deus, o homem que pede, ou não tem história ou já a teve e a esqueceu. Mas, quase sempre o mendigo não tem história. Tomou-a a vida para motivo de todos os contos e a figura central de todos os fatos. Material humano e nada mais. Padeço de cenário desbotado e rasgado pelo vento. Pano preto da fundo para as peças de Pirandello, que a vida repete Pirandello a cada passo. Para pedir da chapéu na mão, uma criatura necessita ser indiferente ou inteligente. Humilde demais ou rebelde. Sub ou super homem. Filósofo. Estóico. Tudo isso separadamente.

O mendigo que se sujeita ao ordenado fixo das associações de caridade, é um homem sem iniciativa, um homem sem ambição, um amantíssimo da necessidade. Um mendigo fracassado, em suma. O mendigo que se preza, não quer patrão. Não se resigna às imposições das instituições de beneficência, beneméritas instituições que, entretanto, se arvoram, na melhor das intenções, em fiscal da liberdade da mais livre de todas as profissões: a de viver da caridade pública. Depois, o pedinte que se inscreve para receber tanto por mês, é mendigo que se sindicaliza. Troca pela ajuda segura e limitada, uma parcela de decoreza. Compromete-se. Aceita

o horário, — que deve ir em dia e hora marcados receber a sua esmola. Fica mendigo para todos os efeitos, e recebe de mãos generosas, juntamente com a esmola, a certeza de que é uma criatura à margem da sociedade, um subalterno social daquele que o beneficia. Deve ser fichado e deixar a endereços e o nome, duas coisas que os mendigos livres não conhecem. Perdem o mistério do imprevisto e a superioridade do anonimato. Devem ter bom comportamento, uma coisa só, exigida das pessoas bem nascidas e bem enfeitadas. Não podem beber, mal muito maior do que não poder comer, — em se tratando de um mendigo já se vê. Claude Thiller, pela boca de um personagem que resume todas as virtudes e todas as filosofias: "O meu tio Benjamin", dizia que a comida alimenta o corpo e a bebida alimenta a alma. E ninguém precisa tanto de uma alma forte, como os mendigos. Para poderem fingir que não repararam no ar de superioridade ostensiva com que um agambareador jogou no chapéu furado um centavão falso que recebeu de troco.

A mendicância deve ser tigre, e nem mesmo deveria ser exposto uma constatação da tracoma, uma radiografia dos pulmões ou o espetáculo a olho nu de uma perna mutilada, para que fosse permitido ao indivíduo pedir. Estender a mão para uma esmola lamurienta ou altiva, arrasta sempre o ciclo de uma prece. E isso não furia mal nem prejudicaria aos homens que imprecam, que resolvem materialistas assuntos particulares ou comerciais, a bala. Que manejem a infâmia e a calúnia e que escondam, principalmente, num protocolar sorriso de gentleman, a inveja. E ninguém é obrigado a dar, assim como ninguém é obrigado a comprar uma futilidade exposta numa vitrina só por que ela está ali para quem quiser pagar.

Existem os mendigos que podem humilhar. Os que não dizem nada e esperam. — a eloquência do silêncio destes últimos é mais sugestiva e eficiente; provoca no que dá, um claro subconsciente de espontaneidade e não deprime o que pede. Existem ainda os que podem arrogantemente, quase como uma imposição,

Os que pedem em todos os lugares, que aparecem em toda a

parte, ora na saída do Cinema, ora na entrada de um banquete, são os que passam paradoxalmente despercebidos, quando não despertam na fisionomia dos que entram e saem, um ar de desprezo e de nojo. São para a gente perfumada e limpa, uma espécie de lata de lixo entornada na calçada.

Os mendigos de tina têm lugar certo. Postam-se todo o dia ou em horas determinadas numa esquina ou num abrigo, como estátuas de contornos grotescos, esculpidas pela miséria, num recanto qualquer. Cerram de cima. Quem quiser que venha até elas e deixe o níquel. Têm uma frequência certa, habitual, e estabelecem ali, entre certas pessoas, a preocupação de separar no bolso uma moeda para o pobrezinho de todas as dias. Recebem, até sorrisos de simpatia, principalmente das crianças e mulheres.

O homenzinho de pernas cortadas, cara grande, olhos de profunda indiferença, arregalados e inexpressivos, que faz ponto na portão central do Mercado, olha fixamente o formigueiro incessante que desliza durante o dia. E expõe no piso encardido e frio a sua mercadoria: revistas e bilhetes de loteria. Não apressa. No chão um pires com níquel. Nem oferece a sua mercadoria nem pede uma camola: é assim como uma sugestão: "Se você não gosta de dar esmolas, compre uma revista ou um pedaço de bilhete". O público ainda acredita mais na caridade que promete um prêmio indefinido e remoto, do que na loteria que anuncia um, definido e próximo.

Pelas calçadas da rua da Praia e redondezas, o pardo alto, cego, de voz arrastada e monótona, anuncia e oferece a sorte grande. E conta o número, na cadência dos jogos de rispoira: "14.324... quem me ajuda, Deus ajudará!..." Pela mão o rapazinho, filho talvez. De qualquer forma, uma criatura que desde pequena acompanha o cego-dos-bilhetes. Quando pequenino e não podia levar o homem pela mão, era este que o embalava nos braços, sentado nas escadas da peça do quartel, a velha sacada que dá para o Necotério. Já naquele tempo, repetia com a voz arrastada e monótona: "Quem me ajuda, Deus ajudará!..." Não se sabe se Deus tem atendido o pedido do cego... (E o cego tem sido ajudado, pois não).

Na Galeria Chaves reze-se com três cegos e três instrumentos: o cego do violão, a revirer fados e modinhas, e o cego que canta. Canta para ele. Canta pensando em Deus em que e em quem. Talvez pensando na enormidade de sua noite escura. Um garoto rico e dispendioso ao mesmo tempo, que o guiava e fazia companhia, pontuava com voz de promessa o canto do cego. Se ainda existissem pescadores de vocações, talvez algum velho maestro já tivesse se interessado por ele.

Mas não existem, não. Existe a polícia e o Código de menores que proíbe o canto do menor, que agora não canta mais. Não fica bem a um menino cantar no meio da rua... Os menores abandonados que se prezam, não cantam, choram.

O cego ainda moga da gaita piano, vindo não se sabe de onde, e o último a aparecer. É o terceiro, com um sorriso de tanta luz, que parece encher os olhos pelos seus olhos opacos. Chora na acordeona o repertório de Strass e Lehar. Estasia-se. Para agradar ao grande público toca também marchas carnavalescas. E lá de quando em vez uma moeda marca o compasso da vida no pires dos cegos da Galeria... Um compasso ou uma gargalhada histérica.



O CEGO da Galeria Chaves toca com "sentimento", pensando talvez na enormidade de sua noite escura. O garoto já não é mais dele...

Por Fernando Borba